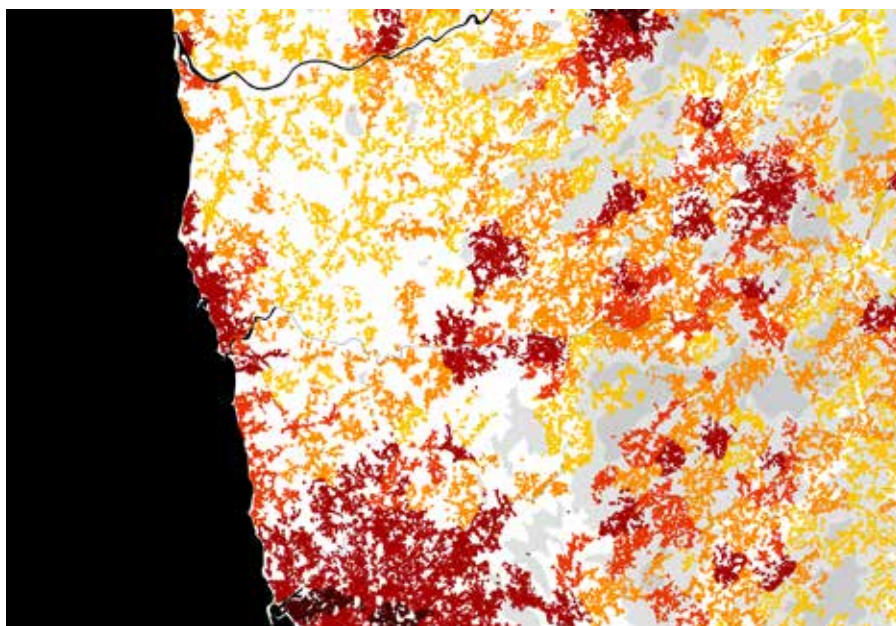


O Urbano e a Urbanística

ou os tempos das formas

por Nuno Portas com ilustração de Nuno Travasso

Densidade populacional no sistema metropolitano do Porto, entre Douro e Cávado. CEAU-PAUP, 2012



7 de janeiro

Heranças urbanas e mudanças dos modos de vida

Lugares e mosaicos urbanos

14 de janeiro

Atividades e mobilidades – malhas geradoras

Espaçamentos, traçados

21 de janeiro

Habitats e ecologias – limites e densidades

Tipos e modelos do edificado

28 de janeiro

(Meta)polis e governabilidades

Regulações, compromissos, *empowerments*. A “obra aberta” em tempos de incerteza

As cidades nunca foram iguais mas algumas das suas características mostraram-se, ao longo do tempo, mais constantes ou

mais resilientes do que outras. No entanto tem-se a sensação de que nos últimos dois séculos, sobretudo no último e no hemisfério-norte, se assistiu a ruturas tão profundas e alternativas tão radicais que nos obrigam à reflexão crítica sobre esses resultados que ainda hoje dividem as opiniões públicas além dos especialistas. Eis alguns problemas mais críticos, não só portugueses:

Na primeira sessão, evocamos os legados da revolução industrial e comercial nos países mais avançados, confrontando-os com as mudanças dos modos de vida e das formas de urbanização: a perda sucessiva dos limites físicos, a polarização dos aglomerados centrais e as periferias cada vez mais extensivas. Em suma, o dualismo da cidade-com história e da não-cidade sem história reconhecida.

Na segunda sessão, perseguimos as mobilidades crescentes de pessoas, bens, informação e energia, causa e consequência da explosão tecnológica, fabril, agrícola

e comercial que se traduziram em sucessivas redes entre e intracidades. A resposta urbanística mais profunda, do século XIX ao XX, reside nas malhas de espaço público que viriam a servir de suportes, funcionais e simbólicos, às diferentes formas da edificação, aos parques... ou seja, da cidade central à extensiva ou às conurbações.

Na terceira sessão, avaliamos a edificação que se diversificou em termos de funções e níveis de riqueza: da casa aos bairros, da oficina aos complexos fabris, do comércio aos grandes armazéns e escritórios, ou ainda aos equipamentos sociais, de ciência e educação ou saúde, de lazeres e espetáculos... para todos. É a habitação que constitui a maior massa construída, resultante das mudanças demográficas (saúde, emprego, migrações...) mas também dos modos e estilos de vida dos cidadãos, função dos recursos e culturas que caracterizaram as classes médias crescentes. Confrontamos as formas ou modelos do habitat – casas e espaços comuns – ensaiadas na Europa e em Portugal, na 2.ª metade do século XX. Questionamos os equívocos da densidade urbana, os tipos de promoções públicas e privadas, os limites de participação dos moradores e as suas mobilidades.

Na quarta e última sessão, a questão da governança, do papel do Estado como arrumador do crescimento ou reconversão urbanos nas áreas de mudança como as “metapolis” do litoral português. O papel das “estratégias” e “planos” e a gestão local dos “projetos urbanos” e as dificuldades de compatibilização dos diferentes “estados” e destes com promotores e cidadãos. Ou seja, a crescente incerteza dos recursos e impactos, sabendo distinguir o que se impõe como durável e estruturante para a coletividade e o que é apenas provável, acidental ou particularizado: um planeamento a diferentes velocidades.

[Obs. Uma leitura acessível: *Políticas Urbanas I e II*, obra coletiva editada pela F.C. Gulbenkian]

CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO

A gravação desta conferência estará disponível no site www.culturgest.pt

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Habitats e ecologias – limites e densidades

Tipos e modelos do edificado

O espaço público – aquele que serve – e os espaços edificados – aqueles que são servidos – são complementares (mais ou menos diretos). Foram tratados em separado porque não são necessariamente simultâneos nem terão a mesma durabilidade.

O edificado compreende não só o alojamento como os espaços do trabalho – dos serviços, da indústria e da logística – e também os equipamentos da educação, ciência, saúde ou lazer.

Na medida em que as aglomerações se puderam alargar (e motorizar), as diferentes componentes urbanas ganharam espaços próprios, baixando notoriamente as densidades edificadas, independentemente das suas altas volumetrias. Prática que resultou, frequentemente, em consideráveis custos de acessibilidades e dificuldades de manutenção dos espaços entre edifícios, nomeadamente em casos de conjuntos residenciais de baixas rendas. Soluções tipológicas de “baixa altura / alta densidade” podem ser alternativas mais razoáveis, de dimensões variáveis – quer se trate de colmatação ou extensão.

Por outro lado, as situações de urbanização extensiva podem explicar significativas concentrações de maior densidade de serviços aproveitando os nós viários; como o são os casos dos “campus” de ciência e tecnologia, recintos de espetáculos, desportos e exposições, ou centros comerciais.

A cidade extensiva, ou metápolis – no sentido de François Ascher – assenta em *malhas* de velocidades adequadas e com os nós necessários e suficientes para aceder, com a requerida eficiência em termos de tempo e custos, às múltiplas atividades suportadas, deixando espaços de incerteza futura, mas também áreas paisagísticas que os enquadram e que se querem bem definidas e trabalhadas (áreas florestais, agrícolas, hídricas, etc.).

Em paralelo, interessa à metápolis e às cidades singulares, relativamente isoladas, uma persistente assistência no apoio à reabilitação das heranças edificadas, começando nos espaços públicos e nas misturas razoáveis das ocupações sociais e de serviços compatíveis.

Leituras propostas:

ASCHER, François – *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: Um Léxico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João – *Políticas Urbanas 2: Transfor-mações, Regulação e Projectos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

SALGADO, Manuel; LOURENÇO, Nuno (coord.) – *Atlas Urbanístico de Lisboa*. Lisboa: Argumentum, 2006.

Nuno Portas é professor Emérito da Universidade do Porto e coordena o Laboratório de Estudos do Território da mesma universidade. Foi investigador do LNEC (1963-83) em habitação e urbanismo após ter integrado o atelier N. Teotónio Pereira participando em projetos premiados de habitação (Olivais, Restelo) e igrejas (1957-73). Exerceu funções de Secretário de Estado nos três primeiros Governos Provisórios e de vereador na Câmara Municipal de Gaia (1990-94). Foi Professor na ESBAL (1965-71) e, desde 1984, na FAUP até à jubilação, onde coordenou investigação teórica e aplicada em municípios da Região e no Campus da Universidade de Aveiro. Participou em ações internacionais da ONU, BID e EU e projetos urbanos em Espanha, Itália e Brasil. Publicou três teses e cinco volumes de artigos selecionados. Recebeu o prémio Abercrombie de Urbanismo da UIA 2005.

Nuno Travasso é arquiteto e doutorando no Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da FAUP, sendo coautor de *Políticas Urbanas II*, editado pela F.C. Gulbenkian em 2011.

CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO